

Igreja Nossa Senhora da Corrente,
Penedo, Alagoas.



Poesia

SABINO ROMARIZ

~~ “O Lírio”

O poeta alagoano Sabino Romariz nasceu em Penedo, em 15 de março de 1871 e faleceu na mesma cidade, presumivelmente em 28 de março de 1883. Foi, por excelência, um provinciano, enraizado no burgo nativo que, na foz do rio São Francisco, ainda hoje guarda as marcas de seu passado colonial.

Além de poeta, foi jornalista, professor e funcionário público. No seu registro bibliográfico, figuram os livros *Lama Sebacthani*, *Sismoun*, *Toque d’Alva*, *Bibliário* e *Madalena*, todos de poesia, e os dramas *Quixaba, pela coragem* e *Baiuca*. Uma antologia de sua obra poética foi publicada há alguns decênios pela Fundação do Penedo, organizou-a o poeta e ensaísta Cassiano Nunes.

A poesia de Sabino Romariz repercute os movimentos da época em que viveu. O Romantismo tinge muitos dos seus poemas. O Parnasianismo é a marca dominante. Victor Hugo está presente nas suas antíteses e apóstrofes: a esta influência se soma a de Guerrá Junqueiro, que, com o seu lirismo indignado e declamatório,

tanto contagiou a poesia brasileira daquela época. E ainda sobressai, na torrente lírica de Sabino Romariz, um límpido veio simbolista.

De toda a sua obra, devorada pela voragem do tempo e dos dias, sobreviveu apenas o soneto “O Lírio”, de teor ostensivamente simbolista e, na verdade, uma pequena e imperecível obra-prima que lamentavelmente não logrou ser a descoberta nem acolhida por Andrade Muricy no monumental *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*.

É este soneto que ora reproduzimos para que ele volte a respirar a claridade de um singelo reconhecimento, inclusive como símbolo das vidas e obras dos poetas que, tendo vivido e morrido nas províncias natais, longe das fanfarras e do rumor da vida literária metropolitana, tiverem os seus nomes e versos irremediavelmente apagados pelo tempo, e hoje fazem parte de um tesouro poético escondido e talvez irrevejado para sempre.



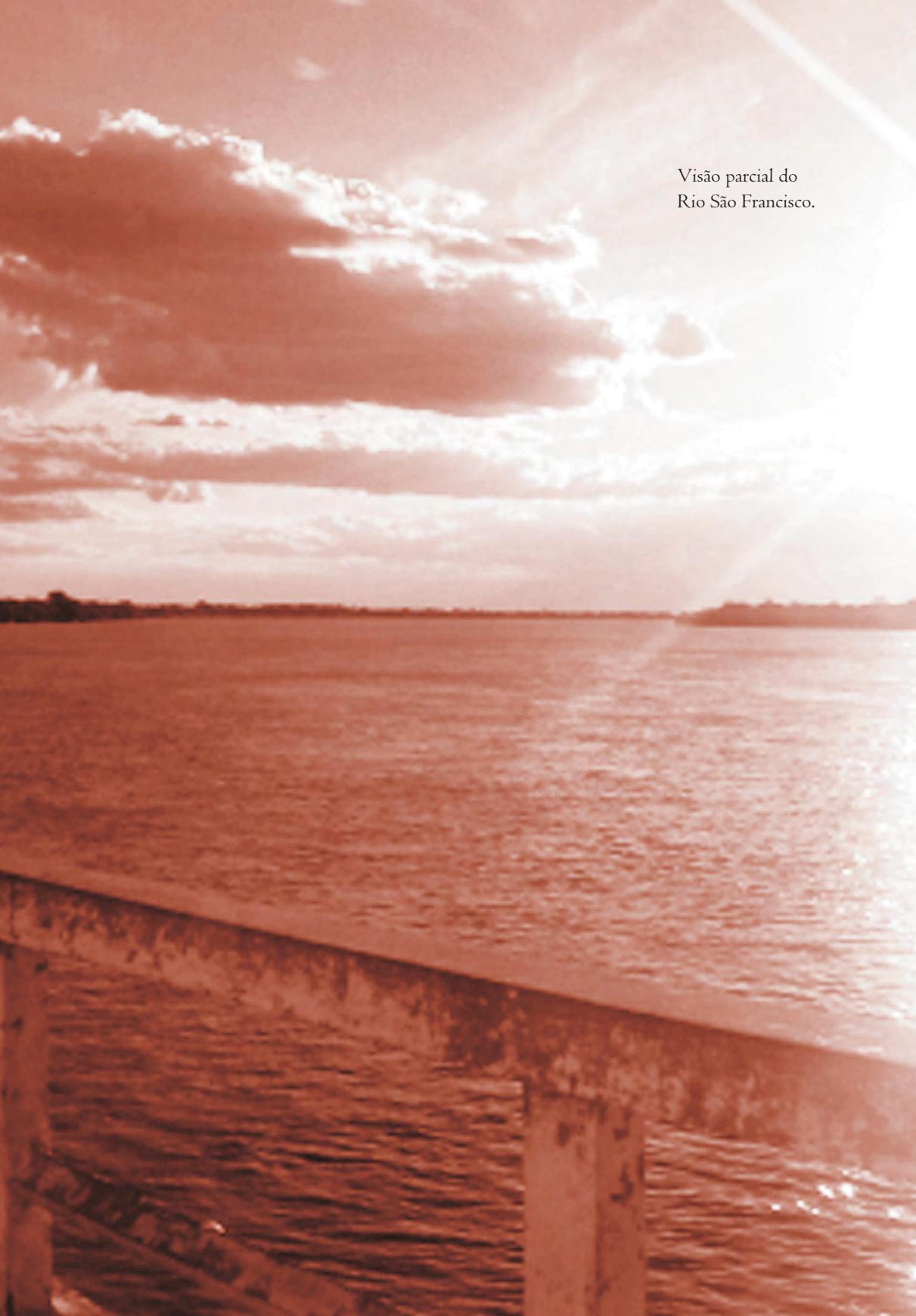
O Lírio

O lírio era uma flor imaculada,
Casta como um sorriso de Maria;
Flor de uma alvura tal que parecia
Ter sido feita de hóstia consagrada.

Em Getsemâni, a face ensanguentada
Jesus tragava o cálix da agonia
e uma gota de sangue luzidia
Sobre um lírio caiu cristalizada.

E nisto flor, sem mancha concebida,
foi-se tornando como que dorida
Tomando aquele tom violáceo, frouxo...

E de como era outrora alvinitente
O lírio da Judeia, finalmente
Crepuscular ficou, tornou-se roxo.



Visão parcial do
Rio São Francisco.

Poesia

L E D A G U E R R A

A danação da Palavra

A palavra fica tatuada no corpo
Inscrita em movimentos cabisbaixos
Dança esquisita de corpos desajeitados
Ritmos desencontrados
Fuligem da cana e assombro
Esse é o meu lugar: um reino onde as flautas desafinam
Os navios naufragam
E a inocência implora animação de palhaços

Festas

Desejos de festas de aniversário
Fantasias cintilam
Sonhos de balões,
Saquinhos de papel crepom
Sopro de velas
Sopro...

Alagoana de Maceió, tem vários livros publicados, é diretora do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, orgão da Universidade Federal de Alagoas. Realiza pesquisas sobre a política alagoana e defendeu a tese de doutorado na UFPE sob o título: “Para Além da Inútil Paisagem: O Estado de Alagoas na Representação Social dos Alagoanos”.

As mãos da infância não sentem
Em que trapos a realidade é tecida
Olhos da infância não enxergam
As casas e os circos penhorados
Ouvidos da infância não escutam
Que o silêncio é fragmento da dor
Os sentidos da infância não percebem
Que em festas de panelas emborcadas
Só a desventura é convidada de honra

Abismos

Ele sumiu no silêncio da existência
Sua mãe gritou como se quisesse explodir o mundo.
Fios de linha podre entrelaçam miséria e morte.
Meu olhar verde-oculto a tudo assiste
pelo espelho da escuridão da infância,
Nas mãos carrego sementes
E o meu amor se enfeita toda vez que a dor é infinita.

Para alguns poetas

Liberta-te aleivoso poeta
Liberta-te de tanta amargura
Que te aprisiona no sarcasmo
Olha a dor do mundo
A realidade implorando poesia
Liberta-te
Ou cala-te para sempre

Proteção

Não perca a senha
Que te livra
Da danação da palavra
Não escute os assobios
Dos fantasmas que te chamam
O sonho possui a chave dos mistérios
Que te salvarão
Dos rivais
Da vida e da poesia

Dicotomia

Do lado de lá as melodias brotavam
E o perfume do silêncio exalava suas folhas recém nascidas
Do lado de lá o amor prometido caía sobre mim como cai
a complacente delicadeza sobre a brutalidade dos dias
Do lado de lá eu cantava como quem reza uma oração da tarde
Do lado de lá a luz do sol me saudava em promessas de primavera
Do lado de cá as minhas mãos estavam vazias
E eu contemplava essas feridas
Que jamais se transmutariam em cicatrizes
Do lado de cá eu espreitava, proibida, o lado de lá
E descobria, em mim, um desatinado coração
Amoroso e louco, vislumbrando o infinito

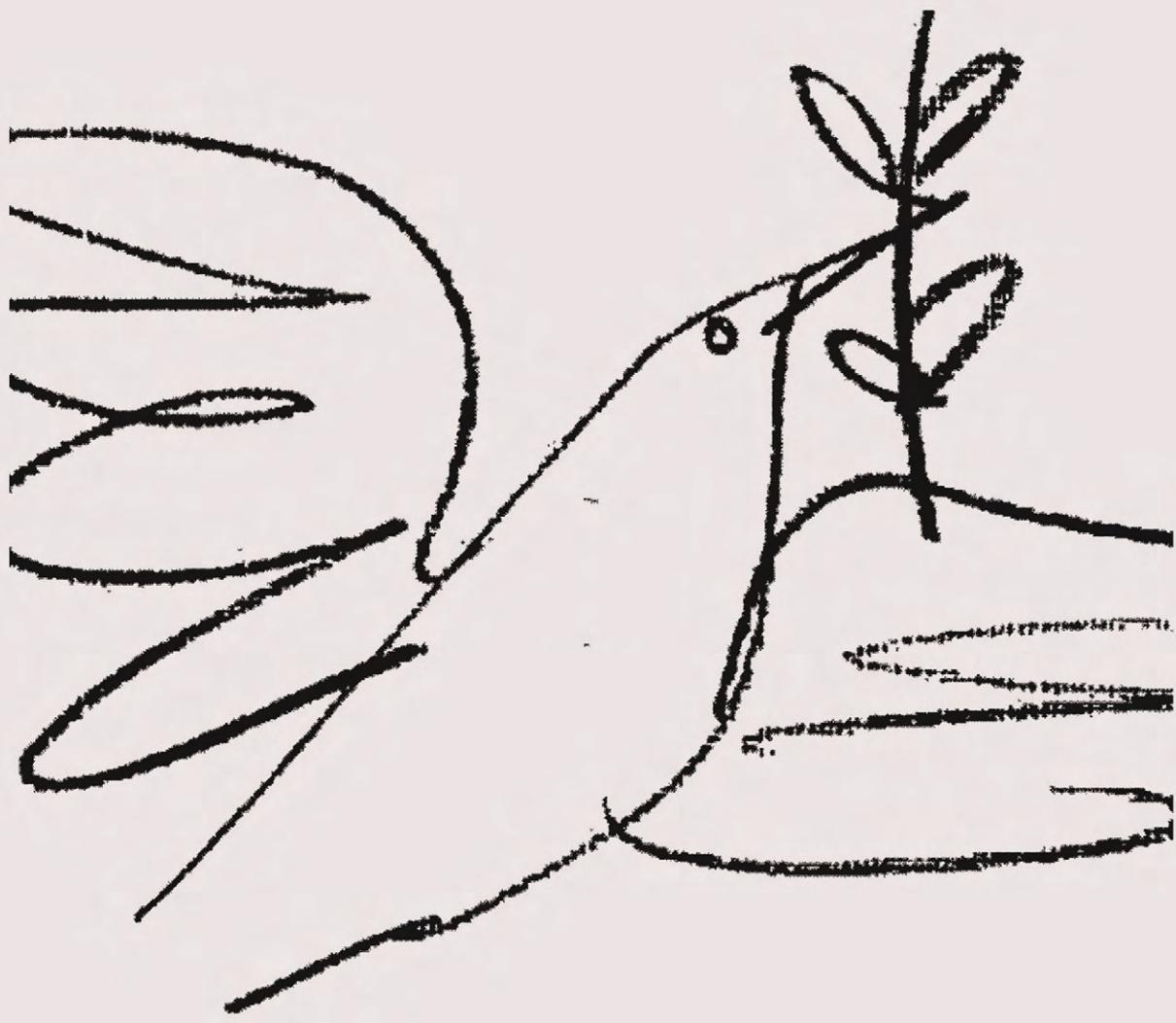


Ilustração de Ciro Fernandes.

Poesia

MÁRIO ALVES DE OLIVEIRA

Lanche erudito

a Márcio Chavadian

Em torno dessa mesa, todo dia,
matamos nossa sede, nossa fome,

e quanto mais se bebe, mais se come,
mais se engorda de brisa e poesia.

Prazer de mastigar o pão torrado
molhado em café quente e humanismo,
sorver aos goles, Bíblia, cristianismo,
sondar se o mel do mal contém pecado.

Falar de futebol, filosofia,
passando de Pelé a Kierkegaard,

Formado em línguas e literaturas portuguesa e espanhola. Acaba de publicar *Aqui Bem Perto*, seleção de seus poemas. Há vários anos dedica-se a estudar a vida e a obra de Casimiro de Abreu.

entre fumaça, pó, e muito alarde,
lembrar o novo tema: ecologia.

Cinema e diretores, prato cheio
para o mingau-de-aveia da cultura;

delícia de sabor fica a mistura
de pão com queijo, René Clair no meio.

Um pulo na pintura, e besuntamos
a boca de manteiga e de fovismo;

cubinhos de Picasso e de cubismo
para tirar o gosto ... e terminamos.

Levanta-se por fim, deixa-se a mesa,
levando-se dali o que se pode:

fatias de alegria, de beleza,
farelos de Fellini no bigode.

Paz

A
pomba não pergunta enquanto cata
o milho
ou
quando o ninho faz
o quanto pesa cada gesto desses
no símbolo da Paz.

A vida é sua guerra: dá trabalho
trazer o ramo ao bico,
dá
trabalho
voar,
trabalho dá posar para Picasso
sem piscar.

Assim
alheia à ONU e às campanhas
pedindo
a
paz dos povos,
a pomba pede a paz é dos filhotes
e
cuida de seus ovos.

Poema úmido

Chegando então a chuva, veio março,
molhou todo o papel dos calendários,

os dias escorreram nas paredes
atrás do fundo podre dos armários.

Deu lodo junto ao tanque, a samambaia
desceu pelos portais em grossas pencas,

infiltrações de verde sobre as lajes
cobriram-nas de musgos e de avencas.

Os livros nas estantes deram mofo,
mofaram sob as camas os chinelos.

De dentro dos sapatos e das botas
romperam de imprevisto os cogumelos.

A vida umedeceu nas prateleiras
entre potes de barro e tardes frias,

pisou em poça d'água nas calçadas,
escorregou em limo muitos dias.

Por fim, arroz e trigo deram brotos,
nasceram tinhorões, o sol surgiu,

e como no princípio dos princípios,
partiu levando março e trouxe abril.

Três por quatro

Eu sou assim como se fosse feito
de estopa, de cortiça, de isopor:
no coração de látex, anódino,
transitam mal as emoções, a dor.

Os olhos dizem, só não contam tudo
do muito que retenho disfarçado.
Do signo de câncer, caranguejo,
vou lento e defensivo: pelo lado.

Às vezes rompo a crosta, vou à tona,
deixo escapar o sentimento exangue.
Os astros não perdoam: sou de julho,
cada gota de amor me custa sangue.

Bílis

Arde a vida no sangue e fere as veias
com seu tropel de gatos em demência,
e é sempre dor mais fina, mais ardência,
quando transborda e livre se incendeia,

quando desfecha golpes de clemência
nos pátios, corredores de cadeia,
nos muros e masmorras onde freia,
onde estrangula a doce displicênciâ.

Dói a vida na pele e dói nos pêlos:
na via-crúcis íngreme das rugas,
na queda e na brancura dos cabelos.

Dói a vida nos lados, fora e dentro,
e o resto são comédias e são fugas
à dor atroz e funda que há no centro.

Capacho

Seu lugar é no chão. Colado à porta
do chefe, do patrão, do presidente.
Mais por destino do que por escolha,
do lado de fora: invariavelmente.

O seu lema é servir. Seja a quem seja.
Diz “Bem-vindo” ao primeiro que surja:
“Limpe aqui o sapato”, “Volte sempre”
“Prazer é todo nosso”, “A casa é sua”.

Nos dias de faxina vêm buscá-lo:
dão-lhe surras nas áreas de serviço.
Desprende um pó recôndito de mágoas
mas volta mais macio e submisso.

Fabrica-se de fibra. Não da mesma
que entra na composição do homem.
A fibra do capacho é de uma espécie
adequada a que o pisem, que o domem.

Construções

Veja você: na construção da casa
gastou-se todo o esforço do casal.
A casa ficou pronta, ficou sólida,
o lar porém desfez-se no final.

Tudo foi feito no rigor da técnica,
não se falou em preço, economia.
Veja você quanto tijolo usou-se,
quantas lajotas, telha e esquadria.

Os azulejos, os ladrilhos postos
combinam nos padrões, nos coloridos.
Veja você a qualidade em torno,
nos móveis, nos armários embutidos.

No muro, nas paredes e nas portas,
buscou-se, mais que tudo, segurança.
Um bom projeto, quando bem traçado,
resguarda o morador da vizinhança.

Um bom projeto sabe a conta certa
de vergalhão, de pedra, de cimento.
Só que não sabe a quantidade exata
do amor na engenharia do aposento.

Sabe prever as corrosões, os danos,
infiltrações, ferrugens, maresia.
Só não se ocupa das porções de sonho
que escorrem pelo tanque, pela pia.

Um ramo ao bico

Levo-te, ó ramo, nesses ventos ávidos
por sobre estepes, mares, cordilheiras,
te levo e com tal zelo que assim visto
és muito mais que um ramo de oliveira.

Depois das hecatombes, dos dilúvios,
depois da chuva atômica, da guerra,
te levo e levarei para que o verde
possa de novo se espalhar na Terra.

Voar é com os pássaros ... e eu voo,
minha missão é esta, a de levar-te:
a Paz pode também, tal como os ramos,
brotar nos corações em toda parte.

Sagres

O Infante D. Henrique amava os mares;
não o mar.

Quem ama o mar contenta-se devê-lo,
de escutá-lo, e mergulhar.

O Infante D. Henrique amava os longes,
a ilusão.

Quem ama o perto, nada quer com velas,
com caravelas, com navegação.

No entanto, perto ou longe, mar ou mares,
tudo é matéria de se apaixonar:
há quem procure e encontre continentes
que outros hão de amar.

Da fábrica

Cedo ou tarde vem o tempo
de graxa, matéria-prima,

em que do pé do operário
faz-se sapato e botina,

em que do míope dos olhos
faz-se lente-de-contato,

em que se fazem pulseiras
do metal que tem no braço.

Cedo ou tarde vem o tempo
também de aproveitamento,

quando das mãos e dos dedos
fazem-se anéis, ornamentos,

quando se fazem medalhas
de seu peito oxidado

quando se põe seu açúcar
no vinagre do mercado.

Cedo ou tarde finalmente
chega um tempo de avareza,

quando a fábrica lhe pede
mais do que pele e magreza,

quando mais que seu retrato
do cartão-de-identidade,

pede a inóspita, a inaudita
matéria-prima: a vontade.

Desde então notam-se novas
e estranhas coisas na usina,

uma imprevista aspereza
nos motores, nas turbinas,

um desgaste prematuro
nas tarraxas e arruelas,

por onde passe o polvilho
do vidro-em-pó das ideias.

Porque se dá que no sonho
se escondem folhas de lixa,

como no embrulho dos presos
às vezes põe-se uma lima,

porque se dá que a vontade
tem sua certa espessura,

quando passada ao cilindro
deixa pedaços, ranhura.

Fórmula I

a pista é toda sua
é sua a cidade

:

feroz cidade
voraz cidade
veloz cidade

dada a partida
arranque e não pare

não repare

:

dispare

saia na frente
não saia da frente

pele
apele
atropеле
escalpele: tudo o impele

não desculpe
culpe
não recalque
calque
não distraia
traia
não se abata
bata

pise
com
gosto
pise
no
rosto: conserve seu posto

suba
na
vida
vença a corrida:

convença
a
torcida
:
decida
presida
progrida
:
agrida